

Comunicação, consumo e identidade: Daniel Alves rompeu a espessura histórica do assujeitamento?

Katia Martins Valente

Doutoranda do Programa de Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP. Mestre em comunicação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, professora da graduação e pós-graduação da ESPM, FGV e consultora de comunicação integrada.

E-mail: k2valente@uol.com.br

Resumo: Este artigo se propõe a desenvolver uma breve discussão acerca da cobertura jornalística em relação ao jogador de futebol Daniel Alves, vítima de preconceito racial por parte do torcedor que atirou uma banana no atleta em plena partida. Temos como premissa os estudos que abordam a análise de discurso de linha francesa e sua importância para a introdução e constituição do sujeito junto ao contexto social. A partir da palavra, que está presente nas relações humanas, procuramos abordar conceitos de comunicação, consumo, linguagem e estereótipos, numa tentativa de elucidar os sentidos nos discursos praticados entre sujeitos. Pretendemos estudar os marcos teóricos realizados por Bakhtin (2009), Baccega (2007), Orlandi (2004) e Schaff (1971) nos quais embasaremos algumas considerações sobre os discursos praticados pela mídia impressa e digital, no sentido de elucidar os debates realizados entre o sujeito e os discursos sociais e a relação entre comunicação e consumo desses discursos.

Palavras-chave: Análise do discurso. Comunicação. Linguagem. Consumo. Mídia.

Abstract: This paper aims to develop a brief discussion about the media coverage in relation to football player Daniel Alves, a victim of racial prejudice by the fan who threw a banana on the athlete during a soccer match. The premises of the research are the studies addressing the French line of discourse analysis and its importance to the introduction and establishment of the subject with the social context. From the word that is present in human relations, we seek to address concepts of communication, consumption, language and stereotypes in an attempt to elucidate the way in the discourse practiced between subjects. We intend to study the theoretical frameworks performed by Bakhtin (2009), Baccega (2007), Orlandi (2004) and Schaff (1971) in which we intend to base some considerations about the speeches performed by the print and digital media, in order to elucidate discussions between the subject and the social discourses and the relationship between communication and consumption of these speeches.

Keywords: Discourse Analysis. Communication. Language. Consumption. Media.

1 Introdução

A imprensa, por meio das publicações, faz com que os leitores reflitam sobre os fatos relatados e cheguem à conclusão de sentidos. Filiados à Análise de Discurso de linha francesa, estudo que propõe a análise dos processos de constituição de sentidos entre o sujeito e suas palavras, pretendemos entender os sentidos marcados e presentes nas manchetes que relatam o acontecimento trágico, envolvendo o jogador de futebol Daniel Alves, que foi vítima de torcedor que lhe arremessou banana em plena partida de futebol. A atitude foi motivo de repúdio por parte dos jogadores de futebol, da imprensa mundial em geral e dos sujeitos que foram expostos nessa mídia e nessa data, ou seja, todas as plataformas estéticas e midiáticas da contemporaneidade deram destaque ao acontecimento.

Nos textos polêmicos das manchetes dos jornais, encontramos a opinião de diferentes jornalistas que retratam os acontecimentos que permeiam assuntos relevantes do contexto social.

Villarreal pune para o resto da vida torcedor que atirou banana em campo.

Equipe espanhola publica nota garantindo que responsável por jogar fruta em Daniel Alves será banido do estádio. El Madrigal Daniel Alves dribla racismo em jogo do Barça.

Lateral come banana lançada pela torcida em ato preconceituoso no Campeonato Espanhol¹.

No caso do jogador Daniel Alves, o assunto foi explorado por grande parte da imprensa nacional e internacional na tentativa de esclarecer o racismo que ainda existe na sociedade. Um torcedor do El Madrigal arremessou uma banana para o jogador Daniel Alves como manifestação de racismo. De acordo com Lonardoni (2006, p.127),

[...] vemos que, apesar de os veículos midiáticos serem responsáveis pela transmissão de fatos e eventos da sociedade a uma gama enorme da população, esses mesmos veículos, além de informar, acabam formando uma certa opinião do público a respeito dos fatos e eventos que veiculam.

Este artigo pretende fazer um breve percurso pelas teorias relativas à linguagem e à palavra, passando pelas contribuições de Schaff (1971), Bakhtin (2009), Orlandi (2004) e Baccega (2007) para, em seguida, adentrar no tema da Análise de Discurso de linha francesa e apresentar como a mesma contribui para as pesquisas sobre comunicação, consumo e constituição dos sentidos.

Concentraremos esforços nas teorias acerca da importância entre palavra, ideologia, Análise de Discurso e cultura, para, depois, adentrarmos na Análise de

¹ <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,villarreal-pune-para-o-resto-da-vida-torcedor-que-atirou-banana-em-campo,1159689,0.htm>. Acesso em 18/05/2014. Manchete do jornal o Estado de São Paulo, publicada em 28 de abril de 2014, às 15h03.

Discurso das manchetes propriamente ditas. Considerando-se que existe uma relação constitutiva entre o texto das manchetes dos jornais e revistas e sua exterioridade, pretendemos compreender o discurso e os sentidos que permeiam os textos das manchetes do jornal O Estado de São Paulo e da revista Carta Capital.

Coletamos manchetes que foram publicadas nas versões on-line, que refletem forte carga simbólica e sentidos dos discursos que são direcionados ao público leitor e que estão inseridos na trama da leitura e do contexto social.

Ao mesmo tempo em que o leitor recebe os discursos por meio de processos estéticos e midiáticos, ele desenvolve uma relação de sentido entre o discurso e a compreensão das manchetes jornalísticas. Nesse processo de articulação de sentidos, pretendemos analisar a constituição de sentido dos discursos das manchetes referentes ao jogador de futebol Daniel Alves, que foi humilhado por torcedor gerando indignação e repúdio geral.

2 A palavra e os sentidos

A palavra é o signo ideológico, atributo dos humanos, que a utilizam no processo de comunicação com os outros homens e com o mundo social à sua volta. A partir da palavra, ocorre a interação verbal que está presente em todos os atos de fala: nas conversas do cotidiano, nas salas de aula, nos discursos da mídia, nas artes, nas palestras científicas etc.

Segundo Bakhtin (2009, p. 37), “a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica, seja ela qual for”. Todas as palavras carregam consigo significados e interpretação de sentidos e são por si “signos ideológicos”.

A palavra é o “signo ideológico” e legitima os discursos entre sujeitos e sua atuação social. Toda palavra tem sentido e carrega consigo a ideologia. Sem signo não existe ideologia, tema tão explorado por Bakhtin (2009). Podemos concluir que toda palavra é por si só ideológica e traz consigo toda uma carga de sentidos para a sociedade.

3 Linguagem, cultura e ideologia

O papel ativo da linguagem no processo do conhecimento e do pensamento humano é objeto de pesquisa de Schaff (1971). Ele constatou que a linguagem é mediadora entre o individual e o social: “a linguagem socialmente transmitida ao indivíduo humano forma a base necessária do seu pensamento, a base que o liga aos outros membros da mesma comunidade linguística e na qual se funda a sua criação intelectual individual” (p. 251-252).

A linguagem é produto das interações sociais e da prática humana e influencia a maneira de perceber a realidade da cultura, o que explicaria a dinâmica das línguas, ao observar que, com a mudança de costumes e hábitos, novas palavras são criadas ou ganham novas acepções enquanto outras ficam esquecidas e praticamente enterradas na memória coletiva. A linguagem não é apenas elemento, mas sim criação da cultura com forte conexão entre ela mesma e as ideias que lhe dão forma, o que não separa linguagem de ação social.

Dessa forma, o ser humano utiliza diversos discursos no sentido de construir o mundo e sua inserção social dentro dele. De acordo com Baccega (1998, p. 16), “o homem só consegue perceber as finalidades de sua ação quando as concebe. E, para concebê-las, é fundamental a linguagem”. Sem a linguagem, o indivíduo não interage com a cultura e não consegue legitimar seus discursos, não fazendo parte da mesma. Nesse processo de construção de sentidos, existe a constituição do indivíduo.

A linguagem é a palavra em movimento e possibilita que os atos dos sujeitos, os modos de vida, o conhecimento, a capacidade reflexiva e a abstração dos homens, sejam acumulados, desenvolvidos e aprimorados. Esse processo produz um mundo não natural, artificial, que está repleto de coisas, imagens, objetos, lembranças, memórias e uma nova realidade, que chamamos de cultura e que vai se destacando da natureza.

Como diz Pinto (1979, p. 122), “a criação da cultura e a criação do homem são na verdade duas faces de um só e mesmo processo [...]”, a partir do trabalho conjunto, da acumulação das experiências e da interação dos homens num tecido social que se forma a cultura. Sozinho, um indivíduo não produziria cultura, e um conjunto de homens que não interagissem por meio da linguagem não se diferenciaria dos animais irracionais. Pinto afirma que

a cultura é, pois, o processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar, discerne entre elas, fixa as de efeito favorável e, como resultado da ação exercida, converte em ideias as imagens e lembranças, a princípio coladas às realidades sensíveis, e depois generalizadas, desse contato inventivo com o mundo natural (1979, p.122).

Podemos mencionar que a sociedade antecede o homem que só sobrevive em função da interação coletiva social e dos valores ideológicos. Para Bakhtin, a palavra

literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (2009, p.32).

Os fios ideológicos constituem os discursos de todas as relações sociais, sendo a palavra a principal indicadora das transformações do contexto social. O indivíduo confere sentido aos discursos praticados e interpreta a materialidade presente ou não na linguagem. Dessa maneira, o homem se constitui no meio social por meio da linguagem e da prática discursiva que está inserida no contexto ideológico de cada cultura. De acordo com a manchete mencionada anteriormente: “Villarreal pune para o

resto da vida torcedor que atirou banana em campo”, temos a presença nesse enunciado da marca do discurso do time de futebol Villarreal, que divulgou, por meio da punição, a proibição do torcedor, pelo resto da vida, de participar dos jogos do clube. Ao mesmo tempo, o clube tenta reverter sua imagem negativa perante a opinião pública e os torcedores desse esporte.

Nas questões apresentadas, os sentidos são determinados ideologicamente e a neutralidade da palavra restringe-se ao fato de que ela pode se transportar aos mais variados campos, adquirindo um sentido diferente em cada domínio. Podemos ressaltar que o sujeito interpreta as palavras que vêm do contexto social, reelabora os discursos recebidos e devolve para o meio social outros discursos que estão alinhados com a interpretação de mundo e a ideologia presente.

4 Estereótipos e produção dos sentidos

A compreensão de realidade também está ligada à ideia de estereótipos, que, de acordo com estudos de Schaff (1971), é um reflexo da subjetividade que permeia nossa sociedade, que, ao mesmo tempo insere elementos emocionais, valorativos e volitivos tanto ao comportamento humano quanto ao conhecimento. Dessa forma, podemos mencionar que o indivíduo, de forma consciente ou inconsciente, reproduz estereótipos que foram aprendidos no contexto da cultura vigente. Segundo o título da manchete apresentada anteriormente, temos o seguinte enunciado: “Villarreal pune para o resto da vida torcedor que atirou banana em campo” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2014). O enunciado explicita a consequência do ato do torcedor sem manifestar claramente nenhuma crítica pelo acontecido; nesse caso, ele deixa essa análise para o leitor e fica no campo da imparcialidade.

A polêmica atitude do torcedor e a resposta do jogador Daniel Alves comendo a banana demonstram a existência de preconceito e rivalidade entre as torcidas presentes. De um lado, temos a marca de um gesto repleto de significados e resquícios de um tempo não distante, da escravatura, em que as pessoas negras eram submetidas a trabalhos e esforços físicos sem acúmulo de conhecimento e reconhecimento social. De outro lado, o jogador Daniel Alves, da raça negra, responde às provocações comendo a banana, demonstrando senso de humor e desmontando a tessitura do gesto em relação ao assujeitamento a que todos estamos submetidos, segundo a Análise do Discurso já referida anteriormente.

É inquestionável que os enunciados das manchetes são constituídos por valores e crenças ideológicas que retratam as diferentes visões e interpretações de mundo e que, por sua vez, apresentam as crises e colisões existentes entre classes hegemônicas favorecidas e classes que lutam para se fazer presente.

Retornaremos com esse assunto após abordarmos a importância da Análise de Discurso para as práticas discursivas.

5 Análise de Discurso estuda e interpreta a relação das manchetes jornalistas e midiáticas

A Análise de Discurso vem ao encontro deste artigo, buscando auxiliar e ajudar na compreensão do sujeito que fala e na percepção da discursividade que surge a partir do encontro entre fatores históricos e ideológicos. Em Baccega,

consideramos como fundamentais os estudos do campo da comunicação e as conquistas da Análise do Discurso, sobretudo as da Escola Francesa (Pêcheux, Orlandi entre outros), que nos possibilitam desvelar a materialidade da articulação das ciências humanas e sociais, o conhecimento do percurso das apropriações ocorridas, uma vez que permitem revelar o discurso como lugar em que linguagem e ideologia (pontos de vista, ideias, conteúdos, temáticas etc.) se manifestam de modo articulado (2007, p. 83).

Inúmeros estudos no campo da comunicação e do consumo têm se valido da AD francesa, buscando extrair os sentidos do discurso que se dá no encontro entre os sujeitos da comunicação. Nesse sentido, interpretaremos duas manchetes e partes dos textos de notícias que retratam o incidente ocorrido com Daniel Alves, jogador de futebol, esclarecendo o caso.

O caso: o lateral-direito do Barcelona e da seleção brasileira, Daniel Alves, preparava-se para cobrar escanteio quando uma banana foi atirada por um torcedor do Villarreal, mandante da partida. O jogador pegou a fruta do chão e comeu, ironizando o ato racista.

Retomando o enunciado das manchetes mencionadas anteriormente:

Villarreal pune para o resto da vida torcedor que atirou banana em campo.

Equipe espanhola publica nota garantido que responsável por jogar fruta em Daniel Alves será banido do estádio El Madrigal.

Daniel Alves dribla racismo em jogo do Barça.

Lateral come banana lançada pela torcida em ato preconceituoso no Campeonato Espanhol.

Nas manchetes, título e subtítulos, observamos a relação de sentido do enunciado que retrata claramente o racismo e o estereótipo existente contra os jogadores de futebol afrodescendentes, tanto do Brasil quanto do exterior. Existe uma carga valorativa de sentidos, portanto, a palavra que é o signo ideológico mencionado por Bakhtin produz efeitos de sentidos e conseqüente visão de mundo. Nos discursos das manchetes jornalísticas, existe a voz do jornal O Estado de São Paulo, empresa que produziu o texto da manchete que tem a intenção de vender a notícia aos leitores, a voz do time de futebol Villarreal, que tenta justificar a postura incorreta do torcedor, que por sua vez foi banido da torcida pelo resto da vida, como forma de retratação perante a opinião pública. O jornal O Estado de São Paulo, enquanto instituição jornalista, apenas relata sem inferência a voz da sociedade hegemônica que tem em seu público leitor o repúdio dessa atitude do torcedor do Villarreal.

Podemos dizer, também, que, nessa manchete, encontramos a voz da sociedade retratada pelo discurso do jornal que fala em nome de toda a sociedade. De acordo com

Orlandi (1996, p. 33), “não pretendemos, nessa discussão, esquecer que o sujeito, na dimensão discursiva, é afetado pelo pré-construído, pelo preconceito e não considera a história e o já dito”.

De acordo com Baccega (2007), também podemos perceber claramente a memória discursiva que constitui o sujeito, os sentidos ideológicos, a comunicação e o consumo por parte do sujeito enunciador/enunciatário e enunciatário/enunciador. A formação discursiva presente permeia comparações aviltantes em relação aos afrodescendentes que ainda subsistem nos mais variados enunciados. Para a AD, “o que interessa não são as datas, mas os modos como os sentidos são produzidos e circulam” (ORLANDI, 1983, p. 33). A AD não se baseia no sujeito e nem no objeto, mas na relação existente de interpretação dos sentidos entre o sujeito e o objeto de estudo. O sujeito e o objeto são construídos pela interação existente entre ambos e dessa relação nasce a interpretação dos sentidos dos discursos praticados.

Ao analisarmos a segunda chamada da revista Carta Capital em relação à primeira manchete do Jornal O Estado de São Paulo, observamos que, dessa vez, existe a intencionalidade do texto e das fotos que o acompanham em ser politicamente correto, alinhando-se com a condenação veemente a qualquer demonstração que afronte os afrodescendentes, conforme foto do jogador Neymar, que se manifestou por meio da imitação do gesto do Daniel Alves. “Contra o racismo nada de bananas, nada de macacos, por favor! A foto da esquerda todo mundo viu. É o craque Neymar com o seu filho no colo e duas bananas, em apoio a Daniel Alves e em repulsa ao racismo no mundo do futebol”.



Foto de Neymar em apoio a Daniel Alves; À direita foto de Ota Benga, Zoológico do Bronx, Nova York, em 1906. Douglas Belchior. Acesso em: 18/05/2014.

Temos a manchete “Contra o racismo nada de bananas, nada de macacos, por favor!”, retirada da matéria do jornalista Douglas Belchior, que por meio do enunciado verbal se coloca politicamente correto, como já mencionado, e tenta dar o tom de leveza, optando por uma saída humorística. Nota-se que a frase é composta por uma negativa simples e não polêmica, acompanhada de duas asserções (nada de bananas,

nada de macacos) que se encadeiam simetricamente e dão coesão ao texto por meio da repetição do pronome nada, aqui dito com aspecto resumitivo.

Como última análise do enunciado verbal, podemos dizer que advém do seu aspecto prescritivo um tom de originalidade que dá leveza ao texto. Com a relação à imagem da foto, podemos observar que o jornalista não apresentou uma imagem neutra, pois existe uma justaposição de duas fotos, sendo uma do Neymar com o seu filho e a outra de uma mulher afrodescendente carregando um macaco, que, à primeira vista, parece ser uma mãe e seu filho.

Lippman (1972, p.153) relata que “os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas interceptam a informação no trajeto rumo à consciência”. Somos frutos do processo ideológico da sociedade, em que a existência de estereótipos está presente e permeia a grande maioria dos discursos da sociedade. Um dos discursos da nossa sociedade, que tem sido recorrente, é comparar as pessoas afrodescendentes com a figura do primata. Essa comparação preconceituosa já ocorreu em vários jogos de futebol envolvendo outros atletas e outros torcedores.

O jornalista Belchior comentou a campanha que foi divulgada e protagonizada pelo jogador de futebol Neymar, símbolo mundial de sucesso no esporte que ofereceu apoio ao amigo Daniel Alves. A foto circulou em praticamente todas as formas de comunicação digital e portais importantes do Brasil. A imagem de Neymar e de seu filho mostra que ambos seguram uma banana na mão, que pode representar a ligação do afrodescendente ao primata por meio de escolha alimentar semelhante.

Neymar satiriza a atitude racista do torcedor, por ser uma pessoa pública com grande exposição internacional e reconhecimento profissional, portanto, sujeito que se torna um símbolo de consumo e referência para a constituição e interpretação de sentidos das suas “falas” e da foto. A foto da mulher afrodescendente está carregada de sentidos que se inserem na espessura histórica da nossa formação discursiva, cujo preconceito contra a raça negra é uma das ideias fundadoras. Um macaco sendo segurado por mulher negra não está isento de sentidos e interpretações; também por parte dos leitores da manchete. Acreditamos que existe um discurso tendencioso, que retoma o discurso da história do negro comparando-o ao macaco. Para Gregolin (2007, p. 15), “a discursividade tem, pois, uma *espessura histórica*, e analisar discursos significa tentar compreender a maneira como verdades são produzidas e enunciadas”.

Temos a presença da voz hegemônica da sociedade brasileira e dos países do capitalismo central em oposição ao capitalismo periférico, que sempre procurou descrever nosso país como um local de pessoas pobres, humildes, descendentes de negros e índios que cresceram na mata selvagem e na natureza, sendo, portanto, um povo desprovido de conhecimento e de cultura. As potências transnacionais têm reforçado esses discursos hegemônicos e estereotipados, como forma de colocar o Brasil na condição de povo inferior, periférico e sem desenvolvimento. O nosso país sempre foi mencionado na mídia internacional de forma preconceituosa e desrespeitosa.

Não podemos esquecer que existe uma classe dominante e outra dominada, mas, ao mesmo tempo, temos a existência da luta constante entre os países do capitalismo central *versus* países periféricos, no sentido de fazer valer seus direitos de cidadão, sua voz e as reivindicações de seu povo.

Não podemos dizer que os discursos retratados nessas manchetes fazem parte somente do torcedor racista de Madri. Eles são parte de um processo ideológico e cultural que está sedimentado e que pertence à linguagem e ao pensamento de nossa formação discursiva. Orlandi (2004, p. 39) esclarece que “é no discurso que o homem produz a realidade com a qual ele está em relação”. É o sistema simbólico das palavras que é materializado no formato de discurso e que nos permite interagir, pensar e dar sentidos às narrativas entre sujeitos.

Podemos constatar que o discurso do indivíduo é a soma da herança das gerações anteriores, do contexto social em que o sujeito está inserido, e que o signo retrata a realidade social. Para Bosi (2003, p. 124), “cada indivíduo pensa que é um caso à parte quando opina”. Ou seja, cada sujeito pensa estar criando um discurso próprio, mas na realidade está reelaborando os discursos apreendidos nas palavras que são ideológicas. Discursos esses que são aprendidos no contexto social e constituem o homem.

6 Considerações finais

O objetivo deste artigo foi interpretar os efeitos de sentidos no interior da superfície discursiva que se observam no tratamento estético midiático do caso já relatado, do jogador Daniel Alves, no incidente que o envolveu juntamente com um torcedor do Villareal, caso este que ganhou notoriedade mundial pelos inúmeros desdobramentos que se seguiram.

Os dois textos verbais analisados, do jornal O Estado de São Paulo e da revista Carta Capital, mantiveram uma posição politicamente correta com características individuais que já foram comentadas no decorrer da análise e se diferenciaram apenas pelo tom: O Estado de São Paulo fica dentro de um registro linguístico formal, enquanto o texto da revista Carta Capital opta pelo tom mais leve. Quanto ao texto não verbal representado pela colagem de fotos, podemos dizer que ele quer atingir o leitor pelo *nonsense* das implicações que evoca.

Este artigo deixa em aberto para outros pesquisadores um aprofundamento da simbologia do gesto de Daniel Alves, que conseguiu subverter as ofensas pessoais de uma forma inusitada e anular a indignidade contida no ato em si. Esse aprofundamento não foi feito, já que o objetivo deste texto foi o de analisar a linguagem verbal escrita e a linguagem não verbal das manchetes selecionadas para tal.

Como considerações finais, podemos dizer que é interessante perceber que, assim como a comunicação só existe na confluência entre emissor e receptor, o consumo é o ato que gera significado ao objeto. Como ressalta Baccega,

nem o emissor nem o receptor são autores, eles próprios, do processo comunicacional. Assim também a produção e o consumo: a significação do produto só ocorre no encontro entre os dois. O campo da comunicação resulta dos vários discursos sociais, presentes em ambos os polos, assim como o consumo: resulta das condições sociais e constitui seus sentidos no encontro das duas faces (2011, p.30).

A significação se dá no encontro dos discursos sociais; o produto atinge seu fim quando produção e consumo se inter-relacionam; a palavra, nos estudos de Bakhtin, é a ponte, o lócus em que o emissor e receptor se encontram para neste ponto surgir a interação verbal.

A linguagem é o local de legitimação entre a cultura e o homem. O consumo pode ser considerado como o encontro entre a materialidade e o simbólico. Os enunciados das manchetes são materializados e os discursos geram interpretações e conflitos entre o enunciador/enunciatário e enunciatário/enunciador.

O consumo está calcado em dois eixos: por um lado, na materialidade da coisa (banana, homem negro e jogador) e, por outro lado, no fator simbólico, que desvenda o que aquele objeto representa junto ao contexto social, no qual o negro traz carga valorativa de sentidos como um povo pobre, desprovido de cultura, portanto, inferior ao homem da raça branca.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem – discursos e ciência*. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. O campo da comunicação. In: FILHO, Clóvis de Barros e CASTRO, Gisela (org.) *Comunicação e práticas do consumo*. São Paulo: Saraiva, 2007.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi et. al.. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. Inter-relações comunicação e consumo na trama cultural: o papel do sujeito ativo. In: ROCHA, Rose e CARRASCOZA, João (orgs). *Consumo midiático e culturas da convergência*. São Paulo: Miró Editorial, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo. In: *O tempo vivo da memória. Ensaio de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARTA CAPITAL. Contra o racismo nada de bananas, nada de macacos, por favor! 28/04/2014. Disponível em: <<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2014/04/28/contra-o-racismo-nada-de-bananas-por-favor/>>. Acesso em: 18/05/2014.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidade. In: *Revista Comunicação Mídia e Consumo*. Vol. 4. n. 11, 2007, p. 11-25.

LIPPMAN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles (org.). *Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Cultrix, 1972.

LONARDONI, Marinês. O discurso da ascensão, auge e queda de Antonio Palocci, na ótica das capas de Veja. In: NAVARRO, Pedro. *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Villarreal pune para o resto da vida torcedor que atirou banana em campo. Esportes, Futebol, 28/04/2014. Disponível em:
<<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,villarreal-pune-para-o-resto-da-vida-torcedor-que-atirou-banana-em-campo,1159689,0.htm>>. Acesso em: 22/04/2014

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed., Campinas: Pontes, 2004.

_____. *A linguagem e seu funcionamento*. Brasiliense: São Paulo, 1983.

PINTO, Álvaro Vieira. Teoria da cultura. In: _____. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Almedina, 1971.